

ALFREDO TAUNAY, UM LITERATO EM BUSCA DO ALÉM-MAR

ALFREDO TAUNAY, A LITERATE IN SEARCH OF OVERSEAS

Rodrigo da Rosa Bordignon*

Introdução

Diz Mme. De Staël que a tradução de um [livro, a sua versão em língua estrangeira é meia imortalidade ganha. Lá por isso já conquistei esta metade.
TAUNAY, p. 161.

Abordar as condições de possibilidade para que obras literárias atravessem fronteiras linguísticas, sendo versadas em outros idiomas que não aquele do país de origem, impõe uma dupla ruptura. Em primeiro lugar, é preciso rechaçar a leitura “veicular” da operação de tradução, ou seja, abandonar a suposição de que ela seria um simples modo de fazer com que um texto passasse de um idioma a outro (CASANOVA, 2008).

Esse é um modo de tratamento que, por ser especificamente interno e submetido aos ditames do exame de adequação linguística, tem potencial para obnubilar as estratégias dos agentes envolvidos na transação e para marcar a obra traduzida com o selo do reconhecimento desinteressado derivado de seus méritos intrínsecos. A recusa ao viés especificamente internalista conduz ao segundo ponto de fratura: é preciso esforçar-se para trazer à luz esses personagens relativamente esquecidos na “corretagem” internacional de textos: os tradutores (WILFERT-PORTAL, 2002). Isso leva a considerar, inclusive, a sobreposição de atividades, sua hierarquização e seus efeitos para a posição dos agentes nos diferentes universos em que se situam, atentando às hierarquias de prestígio e seus modos de designação. A

* Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, SC, Brasil. E-mail: rrbordignon@hotmail.com. ORCID: 0000-0003-2549-6594

metáfora do “espelho unidirecional”, utilizada por Christophe Charle (1992), é elucidativa: não é suficiente atentar para as mediações, é necessário apreender a dinâmica relacional própria que caracteriza cada uma das especialidades, sua acumulação ou dissociação, sem considerar que a divisão do trabalho seja algo linear ou irrevogável.

O presente texto tem por objeto a relação entre a trajetória de Alfredo Maria Adriano d’Escragnolle Taunay e as estratégias de divulgação de duas de suas obras: *Inocência* e *La retraite de Laguna*. A primeira, com sua primeira versão em francês publicada em 1883; a segunda, publicada diretamente em francês, em 1871, e posteriormente versada em português por Salvador de Mendonça. A escolha de Taunay não ocorre em função de alguma atribuição de sentido ou valor intrínseco ao indivíduo ou a suas obras, mas pelo fato de representar um padrão social e educacional que marcou a geração dos anos 1870 no Brasil (BORDIGNON, 2015). Ademais, suas estratégias de consagração literária pautaram-se por expedientes que, salvo melhor juízo, são bastante particulares relativamente ao conjunto de seus contemporâneos: as publicações e sua divulgação são tomadas como empreendimento familiar. À luz do perfil do grupo, portanto, o caso permite vislumbrar o entrelaçamento entre condições sociais e culturais e os investimentos literários com pretensões de recepção no além-mar.

Como bem alinhavado por Bourdieu (2002), é justamente pelos textos circularem lastreados por uma ideologia das trocas puras e desinteressadas, que eles atravessam as fronteiras encobrendo seus rastros e suas condições de produção e difusão. A visada sociológica se coloca contra esta interpretação: o sentido e a função de uma obra não são decifráveis a não ser pela compreensão calibrada da relação entre o campo de

produção e o campo de recepção. Faz-se necessário, portanto, atentar às condições sociais e intelectuais de produção das obras e dos produtores, e, no que concerne ao processo de sua circulação internacional, também derivar a hipótese das relações entre dominantes e dominados para um plano geopolítico (CASANOVA, 2008).

Para isso, é preciso abandonar a hipótese de simetria – sempre presente nos estudos de tradução – e reconhecer que as transações ocorrem sob um terreno fortemente hierarquizado. Como indica a metáfora de Julien Duval (2023) sobre a circulação de filmes, no plano transnacional, os efeitos temporais e as condições de produção que são constritores do mercado de bens simbólicos e clivam o terreno entre os que desfilam sobre o “tapete” vermelho, e os que enfrentam vias esburacadas e tortuosas. O “meridiano de Greenwich” do mercado de bens simbólicos, em torno do qual se desenha o “mapa estético do mundo”, comporta, portanto, a definição da língua franca das transações, dos cânones, dos modelos estéticos e da temporalidade específica a partir da qual uns podem avaliar a si e aos demais (CASANOVA, 2008). Reunidas e calibradas, essas variáveis formam o eixo fundamental para a apreensão das divisões relativas às condições de possibilidade do campo de produção e recepção de bens simbólicos. O “mundo às avessas” encontra-se, assim, expresso nas tensões que tocam uma variedade de produtos culturais, cindidos entre o polo da criação e da celebração autoral, e aquele legitimado pelo número de tiragens. No caso da literatura, Paris é um elemento ímpar na estruturação e no funcionamento da República Mundial das Letras (CASANOVA, 2002). Enquanto marcador de excelência em matéria de cultura, a “capital cultural” arbitra o bom gosto estético em

diferentes domínios de práticas, situando-se, assim, em posição central à validação de esquemas de apreciação e hierarquização relativos ao refinamento, aos valores da “civilização” e “modernidade” (PULICI, 2020; DUVAL, 2023 CASANOVA, 2008).

As possibilidades efetivas de autonomização metodológica de universos simbólicos ligam-se a uma dupla condição: a existência de agentes em concorrência “pelo monopólio da legitimidade e da distribuição desigual de recursos entre eles”; e a existência de um mercado de bens simbólicos, cuja lógica de funcionamento não deixa de guardar relações com os “poderes político, econômico e religioso” (SAPIRO, 2005, p. 293-294). A autonomia relativa de um campo enquanto processo histórico é, também, uma “dependência relativa”, ou seja, é o lugar de uma “dupla hierarquia” visto situar-se, ao mesmo tempo, no “espaço das classes sociais” e no confronto entre uma multiplicidade de princípios de hierarquização concorrentes, tais como os aqueles que afirmam a especificidade do campo, e os que reproduzem as relações de classe (BOURDIEU, 2015, p. 600-601).

Como bem sintetizado por Jurt (1999, p. 33), a prioridade estética é dependente, em determinados estados do campo, da “conversão de uma parte da mais valia social do campo econômico para a cultura”, ou seja, está sujeita à existência de indivíduos dotados de fortuna pessoal que sejam capazes de negar os determinantes econômicos em função de princípios estéticos, pretensamente universais e trans-históricos. Nesse movimento, autor e obra reforçam mutuamente a ideologia romântica do “criador incriado” e encontram respaldo na crença, no valor propriamente singular de seu trabalho e de sua existência. A indeterminação da criação artística ganha, assim, todo seu sen-

tido, e o alinhavo estético firma-se como signo fundamental de oposição à produção estandardizada. “Não existe”, como bem alerta Bourdieu (1996, p. 254), uma “definição universal de escritor”, e os esforços de objetivação nunca encontram mais que definições correspondentes a um estado da luta pela imposição da definição legítima.

O valor estilístico da fidelidade ao real, o trabalho minucioso de observação e coleta de informações voltadas à produção literária permitem a Taunay reivindicar a construção de “heróis reais” – em oposição aos fantasiosos de Alencar –, e desenvolver uma espécie de escrita pictural, em que as descrições são quase esboços gráficos dos enredos observados (TAUNAY, 1960, p. 166). Na avaliação de Antônio Candido, poucos efetuaram “levantamento tão cabal do país”, preocupando-se em “registrar, depor, interpretar”. O romance *Inocência*, por exemplo, fundirá “harmoniosamente a intensidade emocional, o pitoresco regionalista, a fidelidade da observação e a facilidade do estilo, obtendo um equilíbrio até então desconhecido” (CANDIDO, 2000, p. 266). Em contraposição à visada retrospectiva, os contemporâneos apresentavam uma visão diferente sobre a produção de Taunay.

A plêiade de que fazia parte não lhe atribuiu os mesmos feitos. Seu “materialismo literário” é, para José Veríssimo, resultante da “fraqueza e ineficiência da aplicação psicológica” e da “simplicidade de estilo”. Sua maior qualidade era “ser novidade”, e na vastidão das investidas, careceu à obra de Taunay maior “coesão e intensidade que lhe dessem solidez e distinção” (VERÍSSIMO, 1916, p. 320-321). Para Silvio Romero, as “barulhentas e rápidas famas literárias conferidas a políticos poderosos por seus adutores” caracterizam a transformação, da noite para o dia, de mediocridades em

“colossais notabilidades”, como dá a ver o caso do “senador áulico”, Escragnolle de Taunay, “esperto iludidor de estrangeiros para fins pessoais” (ROMERO, 1888, p. 812).

Em seu modo de estruturação, “o espaço literário retraduz, em seus termos específicos – estéticos, formais, narrativos, poéticos – os embates políticos e nacionais: ele os afirma e os nega ao mesmo tempo” (CASANOVA, 2008, p. 132). Como veremos por meio da análise das estratégias de consagração literária de Taunay, no Brasil da segunda metade do século XIX, são esses atravessamentos e os marcadores de distâncias entre as posições dominantes e dominadas – na cartografia nacional e internacional do mundo das letras – que tencionam os critérios de excelência e de reconhecimento, ao mesmo tempo em que conformam os condicionantes das carreiras e do trabalho intelectual.

A partir de fontes escritas publicadas como memórias, artigos de crítica literária, anúncios em jornais, notas biográficas, prefácios e informações genealógicas, num primeiro momento, busca-se expor os determinantes da modelagem disposicional de Alfredo Taunay, delineando os traços fundamentais na estruturação de sua relação com o mundo e a formação de suas expectativas. Em seguida, o artigo dedica-se ao exame do lugar e das estratégias acionadas por Taunay para divulgação e reconhecimento de duas de suas obras: *La Retraire de Laguna* e *Inocência*, consideradas por ele “as duas asas que [o] levarão à imortalidade” (p. 97). Um esclarecimento é necessário: ao longo do texto, as páginas referidas entre parênteses remetem ao livro *Memórias do Visconde de Taunay* (1960).

1. Um nome em múltiplas listas

A avaliação retrospectiva que faz Alfredo Taunay sobre si mesmo é elucidativa do esquadro no qual foram forjadas suas expectativas. A busca constante de uma posição “de que [se] acha digno” (p. 165) reflete o leque de possibilidades de futuro derivadas de um sistema de disposições particularmente moldado. A forja visava, explicitamente, formar a peça que viesse a manter a engrenagem do encaixe familiar no sistema de prestações que sustentava a posição de todas as suas partes.

Alfredo Maria Adriano d’Escragnolle Taunay nascido no Rio de Janeiro, então capital do Império, em 1843, afirma-se como depositário de “amor filial” e dedicação de grande intensidade. Seu pai, Félix-Émile Taunay, dedicava-lhe “atenção quase exclusiva”, interrompida apenas para seus encontros “bi-hebdomadários” com o D. Pedro II, e “alguns trabalhos de escrita de uma companhia de navegação”. “Tudo pelo Alfredo”, era o lema familiar. Primogênito, essa preferência constantemente acentuada em suas memórias era aceita em resignação por suas irmãs, mas com elevado custo por seu irmão [Luiz] Godofredo, que se tornara muito esquivo, “pela diferença de idade e de índole” (p. 25). A divisão do trabalho pedagógico no seio familiar era clara: sua mãe ocupava-se das lições de piano, seu pai do ensino do latim, do desenho, das artes, da literatura, da música e da mediação das relações entre Alfredo e o mundo exterior.

Ignoro ainda hoje, e nada a tal respeito posso afirmar, se todas as minhas provas foram brilhantes ou se meu pai preparara o espírito dos examinadores, mas o certo é que daí a pouco era aprovado em todas as matérias – e, decerto, não eram poucas figurando nelas o latim,

inglês, alemão, grego, princípios de história natural, geografia e não sei mais o quê (p. 26).

O desenho sumário das dinâmicas intra-familiares dá o tom do trabalho social de constituição do herdeiro de uma longa estirpe de servidores da corte e de artistas acostumados a viver sob o mecenato do poder estatal. Seu avô, Nicolas Antoine Taunay, curador de artes e “pintor da família real”, posição de relativo prestígio na França, sai da abastança garantida por um casamento para cima, para a ruína relativa sustentando-se, então, a partir das “relações estreitas que mantinha com a esfera íntima do imperador [Napoleão] e da imperatriz [Josefina]” (SCHWARCZ, 2008, p. 149). O caminho percorrido, entre a atuação como artista oficial do Império Napoleônico e a ligação umbilical entre a família Taunay e o Império Brasileiro, relaciona-se aos contatos iniciais empreendidos por Nicolas-Antoine com o *staff* da coroa portuguesa, notadamente em sua oferta de serviços para atuar como preceptor dos príncipes e “pintor da Família Real”, posto que, “parecia não existir, oficialmente, em Portugal” (SCHWARCZ, 2008, p. 182). A confluência entre a degradação econômica da família, a derrocada de Napoleão e as transformações políticas em curso na França têm efeitos diretos na venda de seus serviços como artista. Mesmo o resguardo oficial, garantido por sua posição no *Institut de France*, não passa incólume, e os artistas napoleônicos veem-se atingidos por um processo de desclassificação relativa, relegados a uma espécie de “segundo ranking” na definição das posições de prestígio. Reunidos, esses elementos precipitam as investidas do avô paterno de Alfredo Taunay

a empreender viagem à América, o que representava “a oportunidade de refazer seu pecúlio; uma saída política para seu filho bonapartista”; a possibilidade de conseguir uma nova clientela no Brasil e mesmo na França, e distanciar-se do *Institut*, naquele momento (SCHWARCZ, 2008, p. 155).

À antiguidade do capital cultural da linhagem paterna, soma-se a antiguidade social da materna, cuja genealogia familiar desemboca em alianças matrimoniais com a realeza francesa, com famílias de larga tradição militar e com abastados burgueses a serviço de Louis XV. Num braço dessa ascendência aristocrático-burguesa-militar situa-se a avó de Alfredo, Marie-Joséphine Rondel, filha do abastado construtor real Jean Rondel; no outro, encontra-se sua mãe, Gabrielle Herminie de Robert d’Escrag-nolle, filha do Conde d’Escrag-nolle¹, e neta do Conde de Beaurepaire² – militares e senhores de terras ao norte da França. A rede de relações familiares é bastante extensa, social e politicamente muito bem posicionada, contando com oficiais militares, adidos, cônsules, artistas e políticos, e, pelo lugar que ocupa nas reminiscências de Alfredo Taunay, está fortemente presente na estruturação de suas disposições, de suas expectativas e no leque de suas possibilidades.

Em uma estrutura familiar povoada pelos “*tontons*” e pela proximidade com o núcleo central da família real, Taunay foi meticulosamente preparado para servir à corte em múltiplas frentes: o tom ponderado de suas obras, a escrita pictural, os relatos de viagem em “tom literário”, a situação de escritor oficial dos feitos do Império, os discursos afinados aos interesses políticos, a corte feita aos mandatários, o apego aos

1 Alexandre Louis Marie Robert d’Escrag-nolle (1784-1828).

2 Amédée Bernard Amable Marc Antoine de Beaurepaire (1739-1794).

valores do trabalho servil ou as soluções apresentadas a ele, as manifestações de bom gosto e de boas maneiras. Esses são traços determinantes na incorporação das disposições que permitem sua inscrição em múltiplos espaços sociais e uma mobilização adequada das diferentes gramáticas políticas e culturais em voga.



O Visconde de Taunay quando criança
Retrato executado por Maurício Rugendas, em 1846.
Fonte: Memórias do Visconde de Taunay (1960).



As duas representações de Alfredo Taunay: militar (1869) e político (1871)
Fonte: Memórias do Visconde de Taunay (1960).

O escritor Alfredo d'Escragnoille Taunay.
Retrato executado por Louis-Auguste Moreaux, em 1867
A imagem estampa o livro de Memórias do Visconde de Taunay



Fonte: Memórias do Visconde de Taunay (1960).

Comissão de engenheiros da Campanha de Mato Grosso e Retirada de Laguna
Visconde de Taunay aparece na foto de pé, ao centro



Memórias do Visconde de Taunay (1960).

As reminiscências são características de um percurso seguro e bastante bem amparado no seio de uma rede de sustentação que envolvia múltiplos núcleos: a fazendinha em Engenho Novo, pertencente a Teodoro de Beaurepaire³, “casa de proporções vastas, escadaria de mármore italiano, cercada de jardins e repuxos” (p. 15), vizinha à propriedade da Condessa de Belmonte (CUNHA; VASCONCELOS, 2022), mãe de sua madrinha; os vários episódios da “meninice em que a cada momento aparecem os infelizes cativos, infelizes e degradados por mais bem tratados que fossem!” (p.16); a constante presença do escravo Tomás, “nosso pajem”; as lembranças do período em Jurujuba, em que habitavam “vasta casa abarracada” e “pertencente ao Governo”; o gosto pelos romances, “que lia com sofreguidão” e eram abundantes pela casa; a execução, com sua irmã Adelaide, de uma peça a quatro mãos no baile dado pelo marquês de Itanhaém, “no palacete da Rua de S. Cristovão” (p. 48); a convivência com a “boa”, “santa” e “meiga” Imperatriz, que os mimava – Alfredo e Adelaide – quando iam “brincar com as princesas D. Isabel e D. Leopoldina” (p. 60).

A ampla gama de experiências que marcam sua infância e adolescência vem constantemente afirmar o estatuto de pertencimento a um mundo à parte. Nesse enlace, a família representa o sustentáculo seguro aos desastres – como a morte de sua irmã Izabel, em 1852; é base de amparo aos fracassos de trajetória: a reprovação no sexto ano do Colégio Pedro II. É também espaço à comemoração das grandes lãureas e orgulhos: o de “bacharel em belas-letas aos 15 anos”, casos que não devem ser muitos nos “anais do Colégio Pedro II”; do elogio

de ser “o mais bonito de todos”, que ainda mais “intumescceu o peito” (p. 59-60); e da escolha da carreira. Como afirma Alfredo, em parte pela influência do Dr. Bento José da Costa, diretor do hospital dos doentes da febre amarela, aspirou à medicina, ideia imediatamente contrariada por seus pais: o médico é o escravo da sineta, a carreira mais dependente e servil. Seu pai afirma, “só há, aliás, uma carreira – a militar”, e sua mãe arremata: “não podes desmerecer do que foram todos os teus antepassados” (p. 46). Após a diplomação no Colégio Pedro II, o assunto volta à baila. Sua mãe chegara a insinuar, em conversas passadas, as vantagens da diplomacia ou da carreira diplomática, mas o destino estava traçado: as armas.

“Teus antepassados foram militares; isto obriga, não há outro destino para o homem superior” (p. 69). Inscreveu-se, assim, no externato da Escola Militar em 1859, principiando um período de iniciação àquela carreira, mas mantendo firme o “rigoroso dever [de] honrar a posição literária e social já conquistada” (p. 71). Assentou praça no exército em 1861, “e sem inclinação” abraçou a carreira das armas (p. 76). Alfredo Taunay fora um desses jovens direcionados à Escola Militar pela família (CARVALHO, 1998), representante de uma posição tensionada entre o rigor e a especialização militar e a criação e liberdade literária, pendulando entre os critérios técnicos que cada vez mais começavam a fazer parte da ideologia meritocrática importada pela instituição, e o “simbolismo” representado pela figura do “militar-bacharel” e o “militar-doutor”, com todos os seus efeitos sobre as possibilidades de usos sociais do diploma escolar (SEIDL, 2010, p. 76).

3 Teodoro Alexandre de Beaurepaire (1787-1849) / Militar / Comandante da esquadra que escoltou a imperatriz Teresa Cristina de Bourbon para o casamento com Dom Pedro II / Vice-almirante.

Após um percurso marcado pelo apreço com que era tratado por muitos professores, produto da deferência à memória de sua família, em 1863 preferiu bacharelar-se em matemáticas “a tirar o curso de artilharia, como fizeram [seus] companheiros militares”. Em seguida, se apresentou à Escola Militar da Praia Vermelha para se matricular no segundo ano do curso de engenharia militar – “arma que pretendia ser confirmado”. Conforme regulamentos vigentes então⁴, os alferes-alunos “deveriam passar pela artilharia, antes de promovidos por transferência ao Estado-Maior de Primeira Classe e Engenharia, conforme notas e aprovação”, e “tal perspectiva muito [o] aborrecia”, reclamando dela aos seus “bons pais” (p. 84). Ao apresentar-se na secretaria da escola, o secretário “fez notar [ao comandante] a guia com que vinha da [Escola] Central”:

– Bravo, exclamou o comandante desfeito em amável riso e com olhar bonachão, bacharel em belas-letas, bacharel em matemáticas... Então, bi-bacharel? E que esplêndidas aprovações! Desta gente é que precisamos por cá. Olhe, você por enquanto vá morar no alojamento; mas depois lhe daremos um quartinho à parte... Um bi-bacharel, é preciso tratá-lo de certo modo! (p. 84)

Ocupando o lugar no dormitório comum, entrou no “gozo de certas regalias que não eram permitidas aos outros alunos”, como o “uso de boa cadeira de braços”, expressamente comprada por seu pai, “uma colcha especial para a cama, além da licença dada ao Gregório, o preto da casa,

a fim de que entrasse todas as semanas”, levando “roupa lavada e engomada, e gulodices enviadas” por sua mãe (p. 85). A superioridade marcada por todo tipo de signo de distinção mantém vivo, nos diferentes espaços em que se insere, o pedigree social e, com ele, o sentimento e a representação de ser e merecer tratamento diferenciado. A permanência do capital de relações sociais herdado é constante e atravessa os detalhes aparentemente mais elementares: da intervenção junto a professores, ministros, políticos e até o Imperador, aos móveis e roupas que fundam e afirmam sua posição. Mesmo os percalços são revertidos em vantagens: Alfredo é nomeado segundo-tenente do Batalhão da Artilharia em 1864, contrariando as expectativas de seus pais que contavam com sua confirmação no quadro especial de engenheiros. Nisso, sua mãe fez “sentir o azedume” ao seu sobrinho Henrique de Beaurepaire-Rohan, então Ministro da Guerra, por sua decisão ter contrariado as expectativas de Taunay – e de seus pais – em seguir na engenharia militar na Escola Militar da Praia Vermelha. Henrique de Beaurepaire-Rohan justificou-se pelas leis e regulamentos, mas isso era insuficiente.

Às expectativas contrariadas, somava-se o início da Guerra do Paraguai, momento em que se iniciam os “transes” e inquietações de Alfredo Taunay: “seguir para a guerra em corpo arregimentado e no primeiro posto, como simples segundo-tenente!” Os temores foram resolvidos em 1865, quando, por intermédio de seu pai junto ao Imperador e ao Ministro da Guerra (Visconde de Camamu), conseguiu a nomeação para ajudante da comissão de engenheiros, embarcando, neste mesmo ano, no “San-

4 Lei n. 585, de 6 de setembro de 1850.

ta Maria” em companhia do Imperador, do Conde D’Eu e do Duque de Saxe (p. 90-93). A expedição contara com diversas histórias, observações da paisagem, relatos pitorescos e numerosos desenhos, a lápis ou à pena, destinados a reproduzir as cenas de viagem. Recuperados após o saque ao acampamento (p. 154), os desenhos foram calorosamente elogiados por seu pai, que “mandou por encadernação luxuosa de marroquim verde” e fez com que figurassem “com certa vantagem na Exposição da Biblioteca Nacional” (p. 302). As entradas constantes e privadas de seu pai, Félix-Émile Taunay, em S. Cristovam, forjam sua relação de “amigo particular do Imperador”⁵, fato confirmado por Alfredo Taunay, embora a afirmação ambivalente de que, dessa relação de amizade, “jamais tivesse provido o mais leve abuso”.

Bem me recordo do quanto custava a meu pai conseguir um ou outro Hábito do Rosa para literatos que recorriam à sua intervenção e que de fato se mostravam dignos de qualquer manifestação de apreço por parte do governo” (p. 26-27).

Como bem indicou Maretti (1996), Alfredo Taunay é um nome em múltiplas listas. “Enxertado” para condecorações durante a campanha do Paraguai por um ministro e em respeito ao seu pai (p. 228), estava habilitado a ter consulta direta com Paranaguá⁶ para escolher entre o “Oficialato da Rosa” ou o “Hábito do Cruzeiro”. Optou pelo primeiro, pois lhe parecia “mais significativo no peito de um simples tenente” (p. 288). Taunay dispunha dos trunfos

necessários para pleitear diferentes honrarias. Em parte, isso ocorre porque o espaço no qual estava inserido era sobreposto ao próprio espaço de atuação familiar: Théodore Taunay, seu tio, era chefe da Legação da França no Brasil; Henrique Beaurepaire-Rohan (Visconde de Beaurepaire-Rohan), seu primo, político, marechal-de-campo e, posteriormente, membro do Conselho de Estado; e Gastão d’Escragnonle (Barão), seu tio, tenente-coronel e político.

Findo o primeiro período expedicionário, Alfredo Taunay regressa ao Rio de Janeiro em fins de 1867, recebido, “com muito carinho” pelo Imperador, depois no Palácio de Isabel, “mostrando o Conde d’Eu vivo interesse” em seus relatos (p. 287). Como indica em suas reminiscências, o ano de 1868 é marcado por dois fatos: 1) o casamento de sua irmã Adelaide com Luiz Manoel das Chagas Dória, enteado de seu primo, o Visconde de Beaurepaire-Rohan; 2) seu primeiro livro, *Scenas de Viagem*, do qual tirou uma “cópia limpa” e ofereceu ao Imperador, que leu todo e “anotou, fazendo várias correções sobretudo de galicismos e locuções que não lhe pareceram de bom cunho português” (p. 302). Para sua impressão, precisou desembolsar seiscentos mil reis, pois um desafeto então em posição estratégica, impediu a publicação oficial já encaminhada.

Nesse período, dedicara-se à redação de *La Retraite de Laguna*, e às partidas e saraus no Palácio de Isabel. Com a nomeação de Conde d’Eu, em 1869, para comandante das operações na República do Paraguai, Alfredo Taunay acabou sendo convida-

5 Além da amizade, Félix-Émile Taunay dispunha de concessões do governo imperial para obras e comércio. Ver, por exemplo, o decreto 4.575, de 23 de agosto de 1870.

6 João Lustosa da Cunha Paranaguá (1821-1912): presidente das províncias do Maranhão, Pernambuco e Bahia, ministro do Império e presidente do conselho de ministros.

do para secretário do Estado-Maior, o que não se concretizou, “algo que lhe causou muito desgosto, pois pretendia a nomeação como secretário do príncipe” (p. 324), ao invés de permanecer na comissão de engenheiros. O meio termo foi arranjado após conversa com o Conde d’Eu, que o colocou como encarregado do Diário do Exército. “Até o fim dessa campanha da Cordilheira [foi] tido como amigo particular do Conde d’Eu e pessoa influente junto dele, o que era e, ao mesmo tempo, não era real” (p. 325). Dessa relação, porém, não resultou a promessa feita pelo príncipe a seu pai, Félix-Émile Taunay: “trá-lo-ei major pelo menos” (p. 314). Em meio a essa variedade de expectativas não realizadas, e a busca constante de mesas vantajosas para se sentar (p. 375-376), Taunay vagou incessantemente em busca de um protetorado que lhe trouxesse glórias, ou seja, o reconhecimento de seus serviços convertido em elogios, insígnias, menções que lhe permitissem ser immortalizado.

De volta ao Rio de Janeiro, após a campanha da Cordilheira, foi convidado por José Maria da Silva Paranhos (Visconde de Rio Branco) para ser deputado por Goiás (p. 63-64), o que constituiu uma saída à carreira militar, na qual se sentia desvalorizado, e a seus investimentos literários iniciais, que não recebiam demonstrações de apreço de seus contemporâneos. A política, assim, apresentou-se como uma porta que, ao ser aberta, dava a ver uma nova oportunidade. Ao conjunto das heranças de Alfredo Taunay, é acrescido o casamento contraído em 1874 com Cristina Teixeira Leite. O matrimônio vem reforçar e ampliar a es-

trutura de capitais da família, estendendo laços aos senhores de terras, cafeicultores e capitalistas com propriedades e dividendos volumosos. Filha do Barão de Vassouras – Francisco José Teixeira Leite; neta do Barão de Itambé – Custódio Teixeira Leite; sobrinha de Joaquim José Teixeira Leite e prima de Eufrásia Teixeira Leite. Cristina Teixeira Leite é proveniente de uma família de senhores de terras e escravos – capitalistas cujas fortunas estavam entre as maiores do século XIX⁷.

Em linhas gerais, três eixos delineados: 1) a divisão do trabalho pedagógico no interior da estrutura familiar; 2) as possibilidades de carreira abertas por suas origens sociais; e 3) os modos de organização da relação de Alfredo Taunay com o mundo exterior ao círculo familiar, formam os sistemas de percepção, avaliação e ação que prefiguram as estratégias de consagração literária de que lança mão. A resultante dessas tensões tem efeitos ambivalentes: ao mesmo tempo em que incorporam as disposições ligadas à sua posição social, busca naturalizar o modo de funcionamento de um mundo ancorado nas relações de reciprocidade e na atuação de *passseurs* a seu favor. Quer dizer, a estrutura de condições e a elevada desigualdade de origem instituem, na própria distribuição das relações de reconhecimento e interconhecimento, os signos que definem os valores dos indivíduos e das obras sem que haja um distanciamento entre produtores e produtos. Isso vem reforçar o trabalho pessoal de mediação e de autopromoção, cujo princípio de funcionamento se inscreve no formato de circulação dos bens simbólicos, previamente-

7 Para a centralidade da família Teixeira Leite na estrutura política, social e econômica do período, ver Stanley Stein (1990).

te hierarquizados em função da posição de seus produtores. Assim, o duplo sentido de uma ideologia meritocrática por autorreferência ganha seu fundamento: os valores e competências hierarquicamente superiores são aqueles que afirmam os atributos de seus próprios promotores.

2. Uma estratégia em mão dupla:

La Retraite de Laguna e Inocência

em tradução

*Eis as duas asas que me levarão
à imortalidade*
TAUNAY, p. 97

A publicação do primeiro livro de Alfredo Taunay, *Scenas de Viagem*, despertou no jornalismo apenas uma manifestação de “amabilidade semivexada”, e embora exposto à venda em diversos livrinhos, o autor afirma dele não ter visto “um vintém”. A recepção crítica insignificante e abaixo das expectativas, mesmo com os bons auspícios dados pela leitura preliminar feita por Dom Pedro II, são elementos indicativos do processo em curso de complexificação dos circuitos de reconhecimento literário. O gênero da memória descritiva, ao estilo diário de viagem entrecortado por descrições da paisagem, parecia não atingir o público mais amplo, nem tocar a crítica. Apresentava-se, de fato, como uma narrativa amparada na “tecnologia científica” e com pretensões de veracidade, destinadas a retomar as paisagens e, em segundo plano, celebrar relações entre companheiros de viagem (TAUNAY, 1868).

Ainda que não houvesse despertado o interesse da crítica, o estilo não deixava de ter suas vantagens, especialmente no período em que a Guerra do Paraguai se encaminhava para seu desfecho. Era o momento, conforme seu pai, de aproveitar

o “maravilhoso ensejo” para cobrir-se de glória. Assim, por insistência de seu “bom e extremo pai” (p. 302-303), dedicou-se a narrar uma “pequena expedição” e seus dramáticos episódios de contato com o inimigo, enfatizando os “sentimentos superiores” que forjam o orgulho das nações (RAYMOND, 1891). O trabalho, inicialmente desanimador, tornou-se pura inspiração, e as lacunas em suas memórias foram preenchidas de súbito, e “todos os fatos da Retirada” lhe vieram “de modo tão claro e tão terrível” que teve “violentos calafrios [...] tremendo de emoção e positivo medo” (p. 303). A visão retrospectiva sobre a produção de *La Retraite de Laguna*, consolidada em suas memórias, oferece à posteridade, o testemunho de seu próprio criador acerca do processo de criação: a narrativa histórica ganha, então, os traços constitutivos da criação artística, o que permite a troca de registro do relato oficial, redigido aos Diários do Exército, por obra literária.

Concluídas as duas primeiras partes de *La Retraite de Laguna*, o mesmo expediente de *Scenas de Viagem* foi adotado: seu “pai levou [...] a S. Cristovão para que o Imperador a lesse” (p. 303). O estímulo de ambos foi o motor para a conclusão da obra.

A primeira parte da Retirada de Laguna apareceu impressa em francês na tipografia do Laemmert, em bom papel, mas tipo já gasto. Continha a dedicatória ao Imperador (feita toda por meu pai), um prefácio, uma introdução e quatro capítulos com cinquenta e quatro páginas de texto. O prefácio traz a data de outubro de 1868. (p. 304)

Assim como no caso do livro anterior, de mesmo estilo, “o jornalismo não lhe deu a [...] importância” (p. 304) que Taunay julgava merecedor. Emoldurando o relato ofi-

cial em um estilo dramático, o registro dos feitos militares e o “padecimento da tropa” são compartilhados pelo autor e transfigurados em suas críticas a “honra militar e [ao] sentimento nacional” (CANDIDO, 2000, p. 279). Concomitantemente, uma função específica é atribuída à obra subvencionada pelo governo e publicada diretamente em francês. Para além de uma questão de estilo ou familiaridade com a língua, ponto assumido pela maioria das críticas, uma razão da investida pode ser encontrada no comentário de Taunay acerca de *Historia de la Guerra del Pacífico*: esta deveria estar ou ser traduzida para o francês a fim de “ministrar aos povos civilizados notícia resumida, mas exata, da guerra” (DINARTE, 1881, p. 4). Em suma, a escolha do idioma é presidida por uma concepção de seus fins, na qual ficam explícitas a função da publicação – informar – e o destino da informação: o mundo civilizado, representado pela língua francesa.

Em 1874, aparece *A Retirada de Laguna* em português numa tradução feita por Salvador de Mendonça⁸, em encomenda realizada por João José de Oliveira Junqueira, então Ministro da Guerra. Em suas primeiras apresentações, contudo, a obra aparece em duas versões diferentes, ambas em francês, conforme catálogo de Garraux (1898). A primeira delas, mais modesta, datada de 1868, com apenas 64 páginas, e impressa no Rio de Janeiro pela Laemmert; enquanto a segunda, de 1871, vai com o “selo oficial” de encomenda do governo, impressa na Tipografia Nacional do Rio de Janeiro, e foi bastante ampliada, alcançando 224 páginas. As duas investidas iniciais expres-

sam “os intuitos de divulgação no exterior que, para além da vaidade pessoal, moviam o autor a aspirar uma notoriedade internacional (MARTINS, 1977, p. 349). Aqui, a estratégia mira em um alvo duplo: ao mesmo tempo que representa um autor brasileiro com obra publicada em francês, enlaça o reconhecimento oficial galgado ao promover a divulgação de episódios da Guerra do Paraguai no exterior.

A primeira metade da imortalidade concretizada, é a vez da outra metade, que vem de estratégia em mão oposta: um livro primeiramente publicado em português e, por um empreendimento familiar, traduzido para o francês. Novamente, a consagração do primogênito envolve o leque de recursos da família, e as atividades da empresa são tomadas como centrais e encabeçadas por seu pai, patriarca e mediador central na inserção de seu filho no mundo exterior. Estreando no romance com *A Mocidade de Trajano*, em 1871, Alfredo Taunay carrega muito de seu trabalho em *La Retraite de Laguna* no novo livro, mas inicia a diversificação de sua produção: passa do relato histórico com tinturas literárias ao romance. O “lance desferido” no fogo cruzado das obras de estreia exprime (MICELI, 2022), ao mesmo tempo, a busca de inscrição em um estilo de produção com possibilidades de reconhecimento literário, e o engate ao conjunto das experiências sociais decorrentes do sistema de prestações em que Família Taunay estava inscrita. A dedicatória a Joaquim Manoel de Macedo não é anódina, sendo este também fortemente ligado à família real, preceptor dos filhos da Princesa Isabel, e posteriormente deputado geral.

8 Segundo Taunay, a tradução feita por Salvador de Mendonça fora “feita às pressas, era bastante incorreta e nada digna do nome de quem a subscreveu” (MARTINS, 1977, p. 348).

Logo, o livro de estreia no romance deu lugar àquele em que Taunay depositaria todas as suas pretensões de reconhecimento: *Inocência* [*Innocencia*]. As informações são controversas (MARETTI, 1996; PRADO, 2013), mas o que indicam as fontes de época é que a primeira edição do romance, publicada em 1872, não produziu o efeito desejado por seu autor, e a crítica recebeu-o com certa indiferença. Há notícias de que pouco depois de sua publicação, viera o comentário em tom elogioso de Francisco Otaviano⁹, o que também foi pouco eficiente à inscrição do romance no cânone literário do momento. José Verissimo (1901) afirma que no período que separa a primeira edição da segunda, datada de 1884, o romance foi corrigido e modificado. Os débitos simbólicos e políticos forjados e ampliados nessas transações são prolongados para outros espaços, tendo seu cruzamento balanceado na estrutura de fundação da Academia Brasileira de Letras (ABL): Alfredo Taunay escolhe Francisco Otaviano como patrono de sua cadeira¹⁰; e Salvador de Mendonça, escolhe Joaquim Manoel de Macedo.

Em paralelo ao trabalho de reescrita, inicia-se uma estratégia de divulgação do romance no estrangeiro, em especial na França. O empreendimento é, como outros, tratado como um negócio de família. Neste caso, seu pai, Félix-Émile, atua como tradutor e divulgador, fazendo publicar o romance de seu filho em folhetins no *Courrier International*, entre fevereiro e junho de 1883.

A iniciativa tem efeitos, e na avaliação de José Verissimo (1901, p. 277), “podemos verdadeiramente datar” a fama do romance a partir de sua segunda edição, datada de 1884. A versão em língua francesa impinge uma marca específica à obra: a consagração literária decorrente da publicação em uma língua dominante na hierarquia cultural vigente. O investimento vem ainda acompanhado de um segundo lance: a remodelação da obra “do ponto de vista do vernáculo e da justeza dos modismos brasileiros” (apud MURICÍ, 1943, p. 8). Os trunfos à segunda edição são, assim, postos em movimento.

À agregação de valor decorrente da circulação internacional soma-se, então, a “assistência filológica” dada à edição de 1884 por Heráclito Graça¹¹. Ainda falta a marca do reconhecimento político literário, fornecida por Francisco Otaviano em epígrafe à nova edição. A multiplicidade de trunfos acionados por Taunay atua como potencializadora das possibilidades de reconhecimento literário. Caracterizado como “narrador fácil” e “com senso de construção dramática”, suas produções careciam, no entanto, de “mordente”, característica fundamental aos grandes escritores (MURICÍ, 1943, p. 8). Em geral, as críticas às primeira e segunda edições são similares: destacam a descrição acurada de paisagens e costumes¹²: “assunto dramático” sem peripécias ou tramas mal-acabadas; “fotografia exata” das paisagens (*A Reforma: órgão democrático*, 12 de dezembro de

9 Francisco Otaviano de Almeida Rosa (1826-1889). Formado em Direito pela Faculdade de Direito de São Paulo, foi advogado, jornalista, deputado geral e senador.

10 Para um exemplo das relações entre Alfredo Taunay e Francisco Otaviano, ver Taunay (1924).

11 Heráclito de Alencastro Pereira da Graça (1837-1914). Formado em direito pela Faculdade de Direito do Recife; deputado provincial e deputado geral; presidente da Paraíba e do Ceará; advogado e consultor jurídico do Ministério das Relações Exteriores.

12 *Jornal do Comércio*, 10 de dezembro de 1872 (p. 2); *Jornal do Comércio*, 14 de dezembro de 1872 (p. 2); *Jornal do Comércio*, 21 de julho de 1874 (p. 2); *Jornal do Comércio*, 15 de dezembro de 1874 (p. 2).

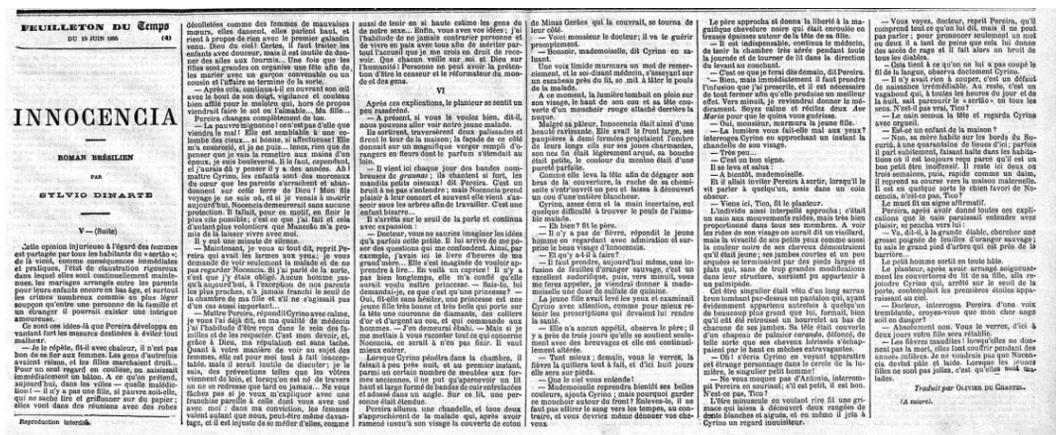
1872, p. 1); “a mesma linha” de narrativa é mantida; “é um livro que fala a meia voz” (*O Mequetrefe*, 10 de junho de 1884, p. 3).

Prática constantemente memorizada, a correção e adequação linguística remontam aos primeiros livros de Alfredo Taunay, onde seu pai, e até mesmo D. Pedro II são nomeados como leitores e críticos das versões de estreia de seus livros. A facilidade no manejo da narrativa e das regras de composição, aliada ao olhar treinado à observação e ao registro, dão ensejo ao leque de expectativas depositadas no romance, especialmente em sua possibilidade de legar o autor à posteridade (p. 97). Considerava-se, assim, destinado a uma digna posição de prestígio e reconhecimento (p. 165), representação de si que forma o princípio motor de sua variedade de estratégias mobilizadas por Taunay e sua empresa familiar.

Mesmo com a publicação de seu romance em folhetins do jornal *Courrier*

International, que representava um passo em seu projeto mais amplo, Taunay ansiava pela publicação de *Inocência* em livro. Assim, a versão traduzida por seu pai foi colecionada, “cuidadosamente” corrigida, e posteriormente entregue a Klein¹³ para que “remettesse a Sant’Ana Néri¹⁴ em Paris”, que havia prometido a Taunay fazer o volume sair pela “coleção Hachette, de capa vermelha e a um franco o volume” (p. 162). Apesar do esforço, a iniciativa foi frustrada, e o material jamais chegou ao seu destino. Enquanto procurava um meio de viabilizar a publicação de seu romance em francês, Alfredo Taunay remodelava a obra para a segunda edição. Nesta senda, a seqüência dos investimentos é ilustrativa: primeira edição, versão francesa em folhetins, segunda edição, e nova versão francesa em folhetins, publicada em 1885 no jornal parisiense *Le Temps* (Figura 4).

Figura 4: Extrato de *Inocência* publicado no *Le Temps* de 19 de junho de 1885.



Fonte: Gallica.bnf.fr

13 Comerciante que fazia a rota Brasil-França. Não foi possível identificar.

14 Francisco José de Santa Ana Nery (1848-1901). Bacharel em Letras e formado em direito em Roma, recebeu o título de Barão do Papa Leão XII. Atuou no jornalismo e como mediador das relações entre Brasil e França (COELHO, 2007).

Enfim, em 1896, viu seu romance na versão de Olivier du Chastel¹⁵ ser publicado em livro por Léon Chailley, um editor sito à *la rive droite*. O prefácio do tradutor é uma reverência às qualidades sociais do autor, descendente de uma antiga família francesa; culturais – distinto pintor e compositor original; e políticas – o mais liberal dos conservadores (DINARTE, 1896). Além disso, é uma celebração à obra, cujo indicador de qualidade é a variedade de línguas em que já havia sido traduzida. O argumento da circulação do livro no exterior é acionado também em suas críticas posteriores: é um romance “traduzido em quase todas as línguas cultas” (VERÍSSIMO, 1901, p. 266); “é a obra escrita em português” mais traduzida, depois de *Os Lusíadas*, de Camões (GARCIA, 1970).

Considerações finais

A possibilidade de acumular capital simbólico decorre de um duplo encaixe: a probabilidade de “levar a sério os valores e as virtudes exaltados pela representação” (BOURDIEU, 2006, p. 124) da hierarquia cultural vigente; e as condições materiais e simbólicas de mobilização contínua de recursos em nome próprio. Enquanto produto calibrado dos sistemas de referência e dos meios de ação que vão ao encontro das concepções de excelência intelectual do período, as estratégias postas em marcha por Alfredo Taunay destacaram uma rede de sustentação social, política e cultural que lhe forneceu as condições de possibilidade para fazer valer a expertise adquirida na forja familiar em uma varie-

dade de espaços de atuação. Acionada em modalidades diferentes e em função dos alvos e dos concorrentes, seus trunfos distinguem hierarquias modelares e informam sobre as chances e limites de usos de determinados recursos no trânsito entre o militar, o político e o literário.

As potencialidades do capital social se expressam nos diferentes usos das relações, neste caso, entre os recursos sociais e culturais herdados e as diferentes esferas nas quais Alfredo Taunay se move. Ao longo de sua trajetória, as apostas são certas, e as que não são têm sempre uma rota de escape possível ou um caminho compensatório. A aquisição de um senso de deslocamento é, portanto, parte fundamental na conformação do universo do pensável e nas estratégias de carreira. No caso de Taunay, o discernimento sobre os rumos e os recursos se ajustam no aprendizado cultural institucionalizado ou difuso no universo familiar, na definição da carreira em função da trajetória do grupo familiar e, no caso da consagração literária, na leitura adequada dos signos de excelência vigentes.

Referências

- ANNUAIRE de la noblesse de France et des maisons et souvenirs de l'Europe. *Bibliothèque Diplomatique Numérique*. Année 23, Paris, 1866. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k36594k>. Acesso em: 15 fev. 2023.
- BORDIGNON. R. R. *Elites políticas e intelectuais no Brasil: condições de diversificação e estratégias de carreira (1870-1920)*. 2015. 410 f. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, 2015.

15 Pseudônimo de Olivier du Taiguy: foi secretário da Legação Francesa em Lisboa.

- BOURDIEU, P. *Sociologie Générale*. V. 1. Cours au Collège de France 1981-1983. Paris: Seuil/Raisons d'agir, 2015.
- BOURDIEU, P. A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos. Porto Alegre: Zouk, 2006.
- BOURDIEU, P. Les conditions sociales de circulation sociale des idées. *Actes de la recherche en sciences sociales*, Paris, n. 145, p. 3-8, 2002.
- BOURDIEU, P. As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CARVALHO, M. A. R. *O quinto século: André Rebouças e a construção do Brasil*. Rio de Janeiro: Revan: Iuperj-UCAM, 1998.
- CANDIDO, A. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos (1836-1880)*. Rio de Janeiro: Itatiaia, 2000.
- CASANOVA, P. *La république mondiale des lettres*. Paris: Seuil, 2008.
- CASANOVA, P. Paris, méditerranée de Greenwich de la littérature. In: CHARLE, C.; ROCHE, D. *Capitales culturelles, capitals symboliques: Paris et les expériences européennes (XVIII^e - XX^e siècles)*. Paris: Éditions de la Sorbonne, 2002.
- CHARLE, C. Le temps des hommes doubles. *Revue d'histoire moderne et contemporaine*, t. XXXIX, 1992, p. 73-85.
- COELHO, A. C. A. *Santa-Anna Nery: um propagandista "voluntário" da Amazônia (1883-1901)*. 2007. 104 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Pará-UFPA, 2007.
- CUNHA, G. R.; VASCONCELOS, M. C. C. Reminiscências da primeira mestra de D. Pedro II: Maria Carlota de Verna. *Revista Educação em Questão*, v. 60, n. 63, p. 1-24, 2022.
- DINARTE, S. *Inocência*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1872.
- DINARTE, S. *Estudos críticos*. V. I. *História da Guerra do Pacífico*. Rio de Janeiro: Leuzinger e Filhos, 1881.
- DINARTE, S. *Inocência: roman brésilien*. Traduit par Olivier du Chastel. Paris: Léon Chailley, 1896.
- DUVAL, J. Um república mundial do filme. *Revista Pós Ciências Sociais - REPOCS*, V.20, n° 2, p.356-385, 2023.
- GARRAUX, A. L. *Bibliographie brésilienne: catalogue des ouvrages français et latins relatifs au Brésil (1500-1898)*. Paris: CH. Chadenat Libraire; Jablonski, Vogt et Cia., 1898.
- GARCIA, F. Três versões de um romance de Taunay. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros-IEB/USP*, São Paulo, n. 9, p. 83-97, 1970.
- JURT, J. L'histoire sociale de la littérature et la question de l'autonomie. *Regards Sociologiques*, n. 17/18, p. 29-44, 1999.
- MARETTI, M. L. L. *Um polígrafo contumaz (O Visconde de Taunay e os fios da memória)*. 1996. 391 f. Tese (Doutorado em Linguagem) – Universidade Estadual de Campinas-Unicamp, Campinas, 1996.
- MICELI, S. *Lira mensageira: Drummond e o grupo modernista mineiro*. São Paulo: Todavia, 2022.
- PRADO, E. S. *As edições não póstumas de Inocência (1872/1884), de Visconde de Taunay: análise do primeiro capítulo*. 2013. 151 f. Dissertação (Mestrado Literatura e Vida Social) – Universidade Estadual Paulista-UNESP, Assis, 2013.
- PUIGMAL, P. (comp). *Diccionario de los militares y agentes napoleónicos durante la independencia: México, Centroamérica, el Caribe y Brasil (1791-1840)*. Santiago, Chile: Ediciones Biblioteca Nacional de Chile, 2020.
- PULICI, C. Les bonnes manières d'habiter: la presse d'architecture et décoration entre hiérarchies du marché et autorité culturelle, 2000-2015. *Actes de la recherche en sciences sociales*, Paris, n. 232-233, p. 86-105, 2020.
- MARTINS, W. *História da inteligência brasileira*. v. III (1855-1877), São Paulo: Cultrix /Edusp, 1977.
- MURICÍ, A. A "Inocência" no centenário de Taunay. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, n. 203, p. 3-22, jun. 1943. Disponível em: <http://memoria.bn.br/>

- DocReader/DocReader. aspx?bib=139955&Pesq=Inocencia%20+ %20Taunay&pagfis=18612 . Acesso em: 14 de fevereiro de 2023.
- NASCIMENTO, N. A. *A Retirada de Laguna: imagens sobrepostas do Brasil oitocentista*. 160 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná-UFPR, Curitiba, 2002.
- RAYMOND, X. Préface à la Deuxième édition. In: TAUNAY, A. *La retraire de Laguna: épisode de la Guerre du Paraguai*. Paris: Librerie Plon, 1891.
- ROMERO, S. *História da literatura brasileira (1830-1877)*. v. II, Rio de Janeiro: Garnier, 1888.
- SAPIRO, G. Autonomia estética, autonomização literária. In: ENCREVÉ, P. LAGRAVE, R-M. (Coord.). *Trabalhar com Bourdieu*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- SEIDL, E. A formação de um Exército à brasileira: lutas corporativas e adaptação institucional. *História (São Paulo)*, v. 29, n. 2, p. 71-94, 2010.
- SCHWARCZ, L. M. *O sol do Brasil: Nicolas-Antoine Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de D. João*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- STEIN, S. *Vassouras: um município do café, 1850-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- VERÍSSIMO, J. *Estudos de literatura brasileira. Segunda série (1899)*. Rio de Janeiro: H/ Garnier, 1901.
- VERÍSSIMO, J. *História da Literatura Brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves; Paris, França: Aillaud, 1916.
- TAUNAY, A. *Memórias do Visconde de Taunay*. São Paulo: Melhoramentos, 1960.
- TAUNAY, A. *La retraire de Laguna: épisode de la Guerre du Paraguai*. Paris: Librerie Plon, 1891.
- TAUNAY, A. *A Retirada de Laguna*. Tradução de Salvador de Mendonça. Rio de Janeiro: Typographia Americana, 1874.
- TAUNAY, A. *Scenas de viagem: exploração entre os rios*. Rio de Janeiro: Typographia Americana, 1868.
- TAUNAY, A. *Homens e cousas do Império*. São Paulo: Melhoramentos, 1924.
- WILFERT-PORTAL, B. *Cosmopolis et l'homme invisible: les importateurs de littérature étrangère en France, 1885-1914*. *Actes de la recherche en sciences sociales*, n. 144, p. 33-46, 2002.

RESUMO

O presente texto tem por objeto a relação entre a trajetória de Alfredo Maria Adriano d'Escragnolle Taunay e as estratégias de divulgação de duas de suas obras: *Inocência* (1872) e *La retraite de Laguna* (1871). A partir de fontes escritas publicadas, busca-se expor os determinantes da modelagem disposicional de Taunay, evidenciando os traços fundamentais relacionados à estruturação de sua relação com o mundo, a formação de suas expectativas e as suas estratégias literárias.

PALAVRAS-CHAVE

Alfredo Taunay. Disposições. Carreira literária. Estratégias de consagração.

ABSTRACT

The object of this paper is the relationship between the trajectory of Alfredo Maria Adriano d'Escragnolle Taunay and the dissemination strategies of two of his works, namely, *Inocência* (1872) e *La retraite de Laguna* (1871). Based on published written sources, we seek to expose the determinants of Taunay's dispositional modeling, highlighting the fundamental traits related to the structuring of his relationship with the world, the formation of his expectations and his literary strategies.

KEYWORDS

Alfredo Taunay. Dispositions. Literary career. Consecration strategies.

Recebido em: 01/02/2023

Aprovado em: 28/04/2023